

GRODT, Aline; SCHNEIDER, André. Resenha de “Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação”, de Maria Cecília Mollica e Maria Luiza Braga (orgs.). *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

**RESENHA DE “INTRODUÇÃO À SOCIOLINGÜÍSTICA: O TRATAMENTO DA
VARIAÇÃO”, DE MARIA CECILIA MOLLICA E MARIA LUIZA BRAGA
(ORGS.)**

Aline Grodt¹

André Schneider²

algrodt@hotmail.com

andretradutor@yahoo.com.br

A obra “Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação”, organizada pelas professoras Maria Cecília Mollica e Maria Luiza Braga, é, como anunciado em sua contracapa, uma obra inestimável para alunos e professores de Lingüística, além de profissionais de áreas afins, especialmente por seu caráter introdutório e altamente ilustrativo. Disposto em um volume de 200 páginas, consegue abranger, de forma sucinta, vasta gama de teorias e estudos lingüísticos envolvendo fatores de cunho sócio-cultural, que foram introduzidos a partir da segunda metade do século XX pelo norte-americano William Labov e seus colegas de pesquisa.

O livro é constituído pela apresentação, seguida por dezesseis capítulos e uma vasta bibliografia. Sete desses capítulos apresentam, em seu final, alguns exercícios de caráter teórico-prático, o que qualifica a obra também como didática.

Na apresentação, as organizadoras do livro antevêm a distribuição dos conteúdos ao longo dos capítulos, que buscam mostrar desde a fundamentação teórica da Sociolingüística Variacionista até os aspectos práticos de seu modelo quantitativo. Ao final do livro, há também um capítulo que discute as relações entre variação e mudança, problematizando as principais questões envolvidas.

O capítulo que inicia a obra é intitulado “Fundamentação teórica: conceituação e delimitação” e tem autoria de Maria Cecília Mollica. Nele, a autora situa a

¹ Mestranda em Teoria e Análise Lingüística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

² Mestrando em Teoria e Análise Lingüística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Sociolinguística como subárea da Linguística que está voltada para a comunidade de fala, ou seja, está preocupada com a correlação existente entre aspectos linguísticos e sociais, o que constituiria a origem da variação linguística. A autora discute o “dinamismo inerente” das línguas e seu aspecto heterogêneo, citando exemplos de variações encontradas no português brasileiro (PB), como “eles estudam ~ eles estudaØ”, “flamengo ~ framengo” etc. Mollica delimita o foco sobre a preocupação da Sociolinguística com a variação e difere as noções de variante (forma linguística alternativa) e de variável (fenômeno em variação ou grupo de fatores). Ressalta também que cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, bem como diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. A autora ainda menciona que as línguas apresentam duas forças que atuam conjuntamente: uma que prima pela heterogeneidade e outra que exhibe unidade em meio a tal heterogeneidade. Por fim, Mollica cita os fatores sociais de estigmatização e de prestígio, que geralmente estão presentes entre variantes de uma língua, e a busca dos estudos sociolinguísticos em oferecer contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos.

No segundo capítulo, “Modelos quantitativos e tratamento estatístico”, Anthony Julius Naro introduz aspectos da dimensão quantitativa laboviana sobre os estudos variacionistas, que representa conteúdo de relativa complexidade. Naro apresenta a evolução dos modelos matemáticos adotados na quantificação dos dados obtidos nos primeiros estudos de Labov, que passaram de um modelo aditivo, em que se postulava a soma dos fatores contextuais de aplicação de uma variante, a modelos multiplicativos de aplicação e não-aplicação, criados por Henrietta Cedergren e David Sankoff em 1974, em que se propôs uma interpretação probabilística que substituiu frequências por probabilidades. Finalmente, em 1978, com Pascale Rousseau e David Sankoff, chegou-se ao modelo logístico, que engloba propriedades dos anteriores e acrescenta a noção de peso relativo. Este último é o modelo que vem sendo utilizado até hoje nos estudos variacionistas, constituindo ferramenta poderosa e segura, segundo o autor, para o estudo de qualquer fenômeno variável dos diversos níveis e manifestações linguísticas.

Os capítulos 3 a 7 são dedicados à apresentação dos fatores externos ao sistema linguístico que vêm demonstrando relevância em pesquisas focadas em fenômenos de variação. O capítulo 3, “Relevância das variáveis não linguísticas”, de Maria Cecilia Mollica, busca justamente introduzir a idéia de que fatores sociais, externos às línguas, exercem influência sobre a variação das mesmas. As manifestações linguísticas recebem

um valor do que P. Bourdieu denominou “mercado lingüístico”, aliado a renda, sexo, faixa etária e nível de escolaridade. A mídia também exerceria influência sobre as opções lingüísticas dos falantes.

No capítulo 4, “A variável gênero/sexo”, de Maria da Conceição de Paiva, o foco está nas diferenças entre a fala de homens e mulheres no plano lexical. A autora traz exemplos de estudos realizados sobre o PB em que se constata geralmente que as mulheres tendem a ser inovadoras na realização de formas de prestígio e conservadoras diante de formas variantes desprestigiadas. Salientam-se, ainda, diferenças culturais entre o papel do homem e da mulher nas sociedades ocidentais e, por exemplo, nas sociedades muçulmanas, em que o homem é quem, na maioria das vezes, emprega formas de prestígio. Por fim, Paiva reforça que essa variável extralingüística não deve ser analisada isoladamente, pois do seu cruzamento com outras variáveis independentes, como classe social, idade ou estilo de fala, podem emergir padrões de correlação diferenciados entre uso de variantes lingüísticas e o gênero/sexo do falante.

O próximo capítulo é de autoria de Anthony Julius Naro e se chama “O dinamismo das línguas”. Nele, o autor faz menção à relevância da variável idade sobre os fenômenos lingüísticos em variação. Naro cita, por exemplo, a preferência do uso de *a gente* ao uso de *nós* pelos mais jovens. Em seguida, faz-se a distinção entre mudança em tempo aparente e mudança em tempo real, noções trazidas por Labov. Para tempo aparente, assume-se uma estabilidade na fala dos indivíduos a partir dos 15 anos de idade e, indiferente de o indivíduo estar com 40 ou 70 anos, ele mantém, de forma geral, as formas lingüísticas de quando tinha 15 anos. Para a mudança em tempo real, assume-se como relevante a idade exata do informante no momento em que é entrevistado.

No capítulo 6, “Relevância da variável escolaridade”, de Sebastião Josué Votre, são apresentados argumentos e exemplos de estudos que comprovam diferenças entre escolhas lingüísticas de falantes com maior ou menor grau de letramento. As distinções focadas são: forma de prestígio social e forma relativamente neutra; fenômeno socialmente estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização; fenômenos que são objeto de ensino escolar e fenômenos que escapam à atenção normativa da escola; fenômenos situados no nível do discurso e fenômenos inseridos no interior da gramática. O autor ainda distingue, ao final, três tipos de ensino (produtivo, descritivo e prescritivo) e as duas modalidades do ato comunicativo: a fala e a escrita.

Encerrando a apresentação das principais variáveis extralingüísticas, temos o capítulo 7, de Alzira Verthein Tavares de Macedo, intitulado “Linguagem e contexto”. Nele, a autora faz menção a fatores discursivos de influência sobre a escolha entre

variantes lingüísticas. Dentre eles, estão o lugar (grau de formalidade maior ou menor), os participantes da interação (quem fala com quem) e o assunto que está sendo tratado.

Os capítulos 8 a 12 são dedicados à descrição de fatores lingüísticos de relevância para estudos variacionistas. Assim, no capítulo 8, “Relevância das variáveis lingüísticas”, sua autora, Vera Lúcia Paredes da Silva, destaca aspectos que tornam necessária a análise de fatores lingüísticos. Seu objetivo é expor que estudos recentes vêm se preocupando cada vez mais em mostrar que a variação não é constatada apenas no nível morfofonológico, como já sabiam os estruturalistas, mas também no nível sintático e do discurso (ainda que esses dois últimos tenham se mostrado menos sujeitos à influência de fatores externos).

Todos os seguintes capítulos que falam sobre fatores lingüísticos envolvidos na variação primam pela exemplificação com estudos realizados sobre o PB e seus resultados probabilísticos. “Variáveis fonológicas”, de Christina Abreu Gomes e Cláudia Nívia Roncarati de Souza, se preocupa em demonstrar a variação no espaço fônico, ou seja, casos de fonemas que podem ter diferentes realizações fonéticas que se alternam em um mesmo contexto lingüístico. Além disso, suas autoras pincelam noções básicas sobre a distinção entre a teoria neogramática e a difusão lexical, que estão intimamente vinculadas à variação no nível fonológico. Ao final, as autoras discutem o tipo de influência que um contexto fonético-fonológico pode ter em variáveis que se situam tanto no nível fonológico como também em outros níveis do sistema.

O capítulo 10 se chama “Variáveis morfossintáticas” e tem autoria de Nelize Pires de Omena e Maria Eugênia Lamoglia Duarte. Tal capítulo é dedicado, inicialmente, à exemplificação de fenômenos variáveis que ocorrem no nível morfológico do PB, como é o caso do uso / não-uso da concordância de número entre os elementos do sintagma nominal: “umas garotinhas lá” ~ “umas garotinhaØ lá”. Na parte final, o foco está na variação existente no nível sintático, como é o caso da alternância no uso das formas *nós* e *a gente*, que podem ter função sintática de adjunto adverbial, sujeito, complemento ou de adjunto adnominal.

Helena Gryner e Nelize Pires de Omena são as autoras do próximo capítulo, “A interferência das variáveis semânticas”. A preocupação aqui está em trazer exemplos de como fatores de caráter semântico podem exercer influência sobre um fenômeno lingüístico em variação. Dentre esses fatores, são destacadas as variáveis semânticas relacionadas a sintagmas nominais em PB, como Animacidade, Indeterminação e Atitude Epistêmica (grau de certeza).

Finalizando as unidades dedicadas às variáveis lingüísticas, temos “Variáveis discursivas sob a perspectiva da Teoria da Variação”, de Maria Luiza Braga. Aqui a autora registra as dificuldades que os pesquisadores enfrentam ao aplicar uma teoria de análise quantitativa tão rigorosa em um nível em que a liberdade, a flexibilidade, a negociação de esquemas e estruturas são amplas, isto é, o nível do discurso. A seguir, o foco está em apresentar algumas variáveis discursivas que têm mostrado relevância sob a ótica da teoria variacionista. São os casos do *status* informacional de itens lexicais e de orações, de aspectos da coesão textual, relacionados a fenômenos de nível morfossintático e oracional, e, por fim, da relação semântica de contraste, em sua aplicação a fenômenos da esfera morfossintática, oracional e discursiva.

Os capítulos 13 a 15 são dedicados à apresentação de informações sobre aspectos relativos à aplicação do modelo de pesquisa sociolingüística, que vai desde a delimitação das células sociais e da coleta de dados até a transcrição, codificação e análise dos mesmos em programas computacionais probabilísticos. Giselle Machline de Oliveira e Silva é quem escreve o capítulo 13, intitulado “Coleta de dados”. Aqui, ela enumera os passos que o pesquisador deve seguir na composição de um banco com gravações de dados lingüísticos de uma determinada comunidade de fala. Discutem-se algumas regras para uma boa observação (que leva em conta a postura que o pesquisador deve assumir no momento do contato com o informante), quantos falantes devem compor a amostra e como eles devem ser selecionados. Além disso, apresenta-se a noção de célula social, extremamente relevante na estratificação dos informantes de uma amostra. A autora diferencia os tipos de contato (interações livres, entrevistas e testes) e salienta a importância da elaboração de fichas sociais para cada informante a ser entrevistado. O capítulo é encerrado com uma exemplificação prática do planejamento e coleta de dados em uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro pelo PEUL (Programa de Estudos sobre os Usos da Língua). Cabe aqui observar a não-inclusão de dois anexos anunciados às páginas 129 e 131, referentes a um modelo de ficha social e um roteiro de entrevista.

“Transcrição de dados lingüísticos”, de Maria da Conceição de Paiva, constitui o 14º capítulo da obra. Como o título anuncia, aqui são apresentadas algumas características sobre a transposição dos dados orais, obtidos com as gravações, para a forma escrita, de forma que tais dados possam ser interpretados na forma gráfica. A autora comenta os problemas encontrados nesse processo, como, por exemplo, os casos de sobreposição de falas e a representação de aspectos discursivos envolvidos no ato de fala, como hesitações, gaguejos e falsos começos. Além disso, expõe-se a necessidade

inicial de se delimitar com clareza o grau de detalhamento da transcrição visada pelo pesquisador. Esse capítulo é finalizado com a apresentação de alguns sistemas de transcrição de dados de estudos realizados com o PB e as soluções que tais estudos apresentam para os problemas citados pela autora, sempre visando a apresentar o máximo de coerência e consistência, de forma a tornar os dados transcritos legíveis e acessíveis a potenciais futuros interessados.

O capítulo 15, “Análise quantitativa e tópicos de análise de interpretação do Varbrul”, de Maria Marta Pereira Scherre e Anthony Julius Naro, é iniciado com a discussão, já apresentada no capítulo 1, sobre variantes e variáveis e variável dependente, sempre trazendo exemplos de estudos de fenômenos do PB, especialmente no que se refere à diferença entre uma variável binária e uma eneária. Os autores sugerem que, mesmo depois de já se ter definido o fenômeno a ser estudado, é preferível que o pesquisador peque pelo excesso do que pela omissão no levantamento dos dados, pois é mais fácil eliminar dados não-relevantes do que voltar às entrevistas e procurar um dado importante que foi ignorado. Em seguida, Scherre e Naro explicam detalhadamente o funcionamento dos programas do Pacote Varbrul, iniciando pela escolha adequada dos códigos que identificarão os fatores. A seguir, é feita uma exemplificação de tabela a fim de tratar dos resultados estatísticos e dos significados de uma análise desse pacote. É nesse momento que se justifica a necessidade de uma análise probabilística por peso relativo. Fala-se, brevemente, dos passos de análise do programa e de como fazer a leitura correta dessa análise. A última seção destina-se a uma discussão sobre o nível de significância estatística e testes de significância estatística, ambos parte da interpretação do Varbrul.

Por fim, o capítulo “Mudança lingüística: observações no tempo real”, de Maria da Conceição de Paiva e Maria Eugênia Lamoglia Duarte, é destinado ao fechamento do livro e faz alguns apontamentos sobre a necessidade dos estudos em tempo real quando se trata de fenômenos que envolvam mudança lingüística. Como ilustração, as autoras trazem o exemplo da variação entre *nós* e *a gente*, já bastante discutido em capítulos anteriores. Segundo as autoras, o estudo em tempo real representa uma forma mais eficaz de distinguir as mudanças que se produzem de forma gradual em toda a comunidade lingüística daquelas que caracterizam a trajetória de comportamento lingüístico do indivíduo ao longo da sua vida. Ademais, salientam que esse estudo, juntamente com o do tempo aparente, constitui uma ferramenta importante para pesquisas de processos que indicam mudança em progresso. Em seguida, são apresentadas as características e os problemas de se trabalhar com o tempo real de longa

duração - em que, na falta de informantes, apela-se para o texto escrito - e com o tempo real de curta duração - que é dividido em estudo de comparação de amostras distintas de uma mesma comunidade (estudo de tendência) e estudo dos mesmos indivíduos em dois pontos separados por um espaço de tempo (estudo de painel). Esses dois estudos podem auxiliar no entendimento da implementação e do encaixamento da mudança lingüística, ou seja, permitem identificar a forma com que uma mudança progride, sua trajetória estrutural e social, e como ela está relacionada a outros processos de mudança.

É importante salientar que “Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação” engloba todos os assuntos, básicos e mais avançados, referentes à Teoria da Variação, sempre com a ilustração de pesquisas já feitas na área, o que torna o texto claro e de fácil entendimento. Esta obra representa uma ferramenta necessária e de leitura obrigatória para alunos, professores e profissionais de áreas afins que desejam se aprofundar nos estudos variacionistas.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.